



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

A condição pós-fotográfica no jornalismo: uma proposta de análise sob as perspectivas teóricas da midiatização¹

The post-photographic condition in journalism: a proposal of analysis upon theoretical perspectives of mediatization

Monique Ferreira Campos²

Carlos Pernisa Júnior³

Resumo:

A proposta deste artigo é lançar bases para uma investigação sobre os processos interativos com o fotojornalismo digital na contemporaneidade. Para isso, interligamos teorias e análises sobre os fenômenos da midiatização e da pós-fotografia, buscando subsídios para a compreensão das lógicas de circulação das imagens jornalísticas e os reordenamentos do fotojornalismo na ambiência digital. Consideramos as mudanças traçadas pela cultura midiática, como a plataformização do jornalismo, a mobilidade, as redes sociais, as narrativas imersivas, além das apropriações e ressignificações das mensagens visuais. Indicamos possíveis deslocamentos dos sentidos tradicionais do fotojornalismo e a valorização da fotografia jornalística condicionada aos espaços de interação com esse tipo de imagem.

Palavras-chave: Fotojornalismo; Pós-fotografia; Midiatização; Circulação.

¹ Trabalho apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), na linha de pesquisa Mídias e Processos Sociais. Orientada pelo Prof. Dr. Carlos Pernisa Júnior. Participa do Grupo de Pesquisa Laboratório de Mídia Digital (UFJF). E-mail: monique.campos@ufjf.br.

³ Professor da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Mídia Digital. E-mail: carlos.pernisa@ufjf.edu.br.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Abstract:

The aim of this article is to lay the groundwork for an investigation into interactive processes with photojournalism in contemporary times. In order to do so, we interconnect theories and analyses on the phenomena of mediatization and post-photography, seeking subsidies for understanding the logic of circulation of journalistic images and the rearrangements of photojournalism in a digital environment. We consider the changes traced by the media culture, such as mobility, the platforming of journalism, insertion in social networks, in immersive narratives, in addition to the appropriations and resignifications of visual messages. We indicate possible shifts in the traditional meanings of photojournalism and the valuing of journalistic photography conditioned to spaces of interaction with this type of image.

Keywords: Photojournalism; Post-photography; Mediatization; Circulation.

1. Introdução

A fotografia foi central na vida moderna, consolidada na dinâmica da sociedade de massas. A esse respeito, podemos considerar que o fotojornalismo se inscreveu no contexto das visualidades de uma sociedade urbana e industrial capitalista que se expandia, enquanto relevante construtor de sentidos sobre os acontecimentos do mundo. Havia uma crescente necessidade de informação, o que culminou em novas técnicas de impressão que pudessem multiplicar a tiragem de jornais e revistas, bem como possibilitar a disseminação de fotografias nas páginas impressas (BUITONI, 2011; SOUSA, 1998). A fotografia se associa ao jornalismo com a finalidade de fazer chegar a um público imagens produzidas com caráter informativo, que possam comunicar as ideias de atualidade, instantaneidade e que tenham a intenção testemunhal. Informações visuais que atendem os chamados critérios de noticiabilidade (SOUSA, 2002; TRAQUINA, 2005).



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

No curso de mudanças da sociedade e da imprensa, de forma específica, os valores culturais levaram a uma compreensão de que a fotografia exprime o acontecimento, mas não simplesmente o representa, o que Rouillé (2009) conceitua como a vigência do regime da fotografia-expressão em substituição ao da fotografia-documento. Um movimento oposto ao de prezar pelo instante decisivo e referente, os quais definiram o fotojornalismo no advento da cultura moderna. A digitalização provocou mudanças profundas nas formas como as fotografias são produzidas, disponibilizadas e acessadas pelo público, bem como nos modos como são reconhecidas em valores específicos, como o de notícia. Assim, a cultura fotográfica entra em uma nova etapa de sua associação ao jornalismo, compondo processos de interação que se dão em meio à expansão da mídia digital. Etapa que demonstra a complexidade das relações existentes atualmente entre os meios de comunicação massivos e as dinâmicas das redes digitais, num cenário de circulação inter-sistêmica (CARLÓN, 2020).

Ao nos voltarmos para a contemporaneidade, podemos perceber a fotografia como parte constituinte do fenômeno midiático, implicada nas experiências de se informar no ambiente hiperconectado. As relações dos indivíduos com as fotografias demonstram mudanças na representação imagética e nos repertórios visuais, as reconfigurações da imprensa que se estabelece nos fluxos das redes digitais e ainda o uso contínuo de dispositivos midiáticos enquanto práticas comunicacionais. Conforme Deuze et al. (2010), a mídia já não pode ser concebida como separada de nós, pois é tão difusa e ubíqua que adquiriu transparência. “Essa midiatização de tudo é estabelecida como premissa pela crescente invisibilidade da mídia, que por sua vez a torna indissociável da vida cotidiana (e todos os seus aspectos)” (DEUZE et al, p.142).

Diante desse quadro, muitos são os esforços teóricos para a compreensão dos reordenamentos da prática fotográfica, incluindo os sentidos atribuídos à imagem fotojornalística. O prefixo “pós” aparece em definições e indicações de perspectivas sobre a condição atual da fotografia, assim como ficaram comuns os adjetivos “expandida”, “hiper”, “híbrida” e “disruptiva”. Os termos são resultados de diversas discussões ontológicas, no entendimento de que transformações comunicacionais



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

profundas se deram nos usos sociais da fotografia a partir da digitalização e do estabelecimento de espaços de circulação⁴.

O jornalismo está implicado na sociabilidade, hoje inscrita nas mídias digitais. Seguindo esse raciocínio, como as teorias da miatização podem ser uma chave de leitura para os estudos sobre as práticas pós-fotográficas e que contribuições trazem para as discussões sobre a imagem fotojornalística digital? Qual a importância das pesquisas em miatização na análise das relações dos sujeitos com as fotografias de notícias e fotorreportagens, as apropriações e ressignificações das mensagens que marcam o cenário contemporâneo?

O presente artigo tem por objetivo buscar perspectivas teóricas que possam inspirar uma trajetória de pesquisa qualitativa, cujo objeto são as interações com as fotografias jornalísticas em meio às especificidades traçadas pela cultura midiática digital e o que vem sendo intitulado como práticas pós-fotográficas. Portanto, a análise que fazemos se dá a partir de observações das dinâmicas do fotojornalismo na ambiência virtual – buscamos os fenômenos – e não uma análise empírica de um objeto específico. Vislumbramos desenvolver interfaces teóricas, revisões bibliográficas e buscar subsídios para a compreensão das lógicas de circulação das imagens jornalísticas e como estas compõem complexos sistemas de interação.

2. Formulações teóricas sobre a pós-fotografia

O termo “pós-fotografia” foi amplamente difundido nos estudos que visavam compreender os caminhos da fotografia no mundo contemporâneo, sobretudo em como as tecnologias digitais, as redes sociotécnicas e a vida imersa em multitelas alteraram as características canônicas atribuídas à fotografia. Buscamos, em alguns teóricos, olhares

⁴ A “circulação” é conceituada por Fausto Neto (2015) com base no entendimento de que as relações comunicativas se dão por circuitos e fluxos, assimétricos e imprevistos, e não por postulados lineares. A circulação acentua a descontinuidade entre lógicas de produção – dos sistemas sociais – e de recepção – constituída por atores individuais –, ensejando acoplamentos entre elas, segundo o autor.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

que vão além das transformações nas produções de imagens e buscam as atividades dos sujeitos, os aspectos da mediação fotográfica. Desse modo, voltamo-nos às compreensões que fazem dos tempos atuais, em que a imagem digital está amplamente presente na vida cotidiana.

O texto de David Tomas (1988) é apontado como inaugural do conceito de pós-fotografia, o qual considera as transformações nas dimensões históricas e culturais da prática fotográfica e dos modos de representação da sociedade. Para o teórico, a prática pós-fotográfica é resultado de uma inversão de uma das estruturas binárias que ordena uma cultura fotográfica: a relação entre o produto da atividade fotográfica e o processo de sua produção. “A possibilidade de uma prática pós-fotográfica é, portanto, fundada na negação do valor convencional da cultura do sujeito/imagem” (TOMAS, 1988, p.64)⁵ [tradução nossa]. Nesse sentido, o resultado é o aparecimento de diferentes e plurais culturas de representação na sociedade.

De modo mais amplo, Nöth e Santaella (1997) nomearam como pós-fotográfico o terceiro paradigma no processo evolutivo da imagem, o qual diz respeito às imagens sintéticas ou infográficas, inteiramente calculadas por computação e não resultado de produção ótica. O terceiro paradigma é o de predomínio da matriz algorítmica, em que as imagens são produzidas a partir de uma linguagem informática, numérica em pontos elementares (pixels). Essas mudanças materiais e instrumentais evidenciam rupturas e consequências perceptivas, cognitivas, sociais e epistemológicas. No paradigma pós-fotográfico, as imagens podem ser retrabalhadas, já que entram em constante metamorfose. Mais tarde, Santaella (2013) retoma e atualiza a discussão, situando-a na perspectiva do hibridismo radical das artes e compartilhamento de dados através de mídias digitais interligadas. A autora desenvolve então o conceito do quarto paradigma da imagem, visando explicar as misturas entre processos artesanais, imagens técnicas, diagramas e infográficos que caracterizam a atualidade na comunicação.

⁵ The possibility of a postphotographic practice is therefore predicated on the denial of the subject/image's conventional cultural value (TOMAS, 1988, p.64).



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Um dos teóricos que se dedica a discutir o fazer fotográfico contemporâneo e o que abarca o conceito “pós” é Joan Fontcuberta (2014, 2016), para quem o novo paradigma tecnológico alterou os valores sociais como de registro, verdade, memória, arquivo e identidade. Há uma urgência da imagem por existir que prevalece sobre as qualidades da própria imagem. As reflexões feitas pelo autor consideram a circulação das imagens em velocidade vertiginosa e as exigências do imediatismo e da globalidade, onde cabem novos usos, funções e modelos de autoria.

Esta pulsão garante uma massificação sem precedentes, uma poluição icônica que por um lado vem sendo implementada pelo desenvolvimento de novas câmeras – seja como aparelhos autônomos ou incorporadas a telefones móveis, webcams e dispositivos de vigilância. Isto nos imerge num mundo saturado de imagens: vivemos na imagem e a imagem nos vive e nos faz viver (FONTCUBERTA, 2014, p. 119).

Apesar de não utilizar o prefixo “pós” em seus textos, Rouillé (2009) analisa o estabelecimento de um novo paradigma do visível com a passagem do universo analógico ao digital. As alterações nos aspectos técnicos e estéticos da fotografia e nas suas relações com o mundo afetam o seu regime de verdade e “amputam” a origem material, o referente. Para o teórico, a resposta da fotografia às condições da sociedade da informação que se formava foi a sua transformação, desterritorialização e extensão para direções inéditas, entre elas, ligações renovadas com a arte, afirmação da individualidade do fotógrafo e do dialogismo. Na era da fotografia digital, a fixidez cede lugar à variação dos lugares de apresentação, ao instantaneamente acessível e às possibilidades de circulação cada vez mais velozes. A fotografia contemporânea, produto do mundo digital, é a passagem dos modos de permanência para os da contínua transformação.

Dubois (2019) nos apresenta um debate sobre os sentidos e desafios do uso do prefixo “pós”: indicaria uma evolução da clássica fotografia? Ou uma transformação? O teórico considera que as novas práticas fotográficas – práticas “pós” – possuem uma identidade mais incerta, flutuante e diversificada, contida em uma história que



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

constantemente se recicla. As problemáticas advindas com o “pós” demonstram as ligações estabelecidas entre a era digital e a analógica, marcadas pela reutilização, reciclagem, remontagem e pelos desvios do arquivo e do documento. Dubois (2019) utiliza três paradigmas teóricos para refletir sobre a pós-fotografia: desterritorialização e reterritorialização; *remediação (remediation)* e *relocation*. Desse modo, considera que hoje há uma crise das distinções entre os meios de comunicação e uma porosidade das categorias por eles instituídas, além de relações intermediais do público com as imagens, migrações de dispositivos e criação de novos espaços de recepção.

Já Fatorelli (2014) observa que as transformações na prática fotográfica deslocam a natureza e o destino das imagens tecnológicas, ao mesmo tempo que reordenam os modos pelos quais acessamos os formatos históricos de produção imagética. Analisa, assim, os modos constitutivos da fotografia, os de percepção e os efeitos da materialidade da mídia. Em sua perspectiva, o digital assimila o analógico e também comporta uma dinâmica inaugural nas relações entre a imagem e o mundo visível, a imagem e o observador e entre as próprias imagens. A criação desse “novo” ou de rupturas com os princípios da identidade fotográfica não está condicionada pela forma de constituição das imagens no âmbito da sua infraestrutura técnica, mas sim no “território presidido pelo ‘entre’”, intensamente negociado e de experimentações.

No contexto desse cenário caracterizado por incessantes deslocamentos, o que se encontra decisivamente alterado é o estatuto do *entre* que dispõe os termos relacionais, esgarçado em todos os seus contornos, decisivamente tensionado, comportando sobreposições e ultrapassagens em todas as direções, de modo a redimensionar as suposições e as garantias fundamentadas na especificidade dos meios (FATORELLI, p. 22).

3. Apontamentos sobre o fotojornalismo no contexto digital e pós-fotográfico

A condição pós-fotográfica evidencia transformações tanto nos modos de produção e apropriação das imagens pelo jornalismo como também nos vínculos



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

culturais estabelecidos com a fotografia jornalística. Conforme as ideias apresentadas pelos autores estudados, passaram a reconfigurar a imprensa as mudanças nas matrizes e nos suportes de apresentação das imagens – a produção computacional e as multitelas –, o hibridismo de linguagens, a interligação midiática, além dos impactos provocados pela crise do modelo de produção baseado no referente, afetando o regime da imagem-documento. Destacamos, ainda, como essa atual condição aponta para a necessidade do imediatismo da imagem, da sua reprodutibilidade algorítmica e de sua constante reciclagem nos fluxos midiáticos.

O contexto atual é o dos desdobramentos do fotojornalismo sob a vigência de novas dinâmicas nos veículos de comunicação e práticas voltadas às tecnologias e plataformas digitais. Evidencia, assim, as alterações no acesso às informações, na leitura e no reconhecimento dos valores jornalísticos presentes nas imagens. Para Silva Jr. (2020), trata-se da articulação da cadeia produtiva do fotojornalismo com o fenômeno múltiplo, de ordem cultural e tecnológica compreendido como convergência. Assim, “a convergência na fotografia de imprensa se junta como mais uma incorporação a elementos já aceitos na vida cotidiana, tais como as redes sociais, os novos hábitos de acesso e consumo de conteúdo, as tecnologias móveis, a cultura colaborativa, etc.” (SILVA JR., 2020, p. 224). As bases que norteiam a organização da cadeia produtiva do fotojornalismo em cenários digitais e de convergência são definidas pelo pesquisador como: uso generalizado dos recursos digitais em todas as etapas do fluxo de trabalho; incorporação de elementos multimídia; circulação em multiplataforma; polivalência profissional e organização de coberturas por cooperação.

Mudanças significativas que se deram no fotojornalismo abarcam a emergência das imagens combinada à necessidade de conhecimento a respeito da realidade social. Ubiquidade, mobilidade, interação e convergência midiática passam a fazer parte da estrutura de construção das notícias e reportagens e, assim, dos critérios de apropriação das fotografias pelo jornalismo. Nesse sentido, a lógica é a de circulação da fotografia em multiplataforma e de incorporação do jornalismo móvel na produção imagética, seguindo os valores de informação instantânea, ágil, inédita e adaptada às leituras no



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

smartphone. De acordo com Canavilhas (2017), o apagamento das fronteiras entre “on” e “offline” e a onipresença das tecnologias na vida cotidiana facilitam a mobilidade e marcam o surgimento de novas narrativas online, determinadas pelo “contínuo multimídia”. A comunicação contemporânea é a da divergência do *hardware* e simultânea convergência dos conteúdos, o que torna os cotidianos marcados pela manipulação constante das diferentes tecnologias de conexão (2017, p. 321).

As ressignificações do fotojornalismo compreendem o fenômeno de plataformização da sociedade, o qual está ligado à mobilidade informacional. Redes interativas que conectam pessoas a partir dos aparatos tecnológicos de comunicação – as plataformas digitais – reconfiguraram espaços de circulação de notícias e o papel da imprensa enquanto instância de divulgação das informações de interesse público. Portanto, o jornalismo entra na ambiência criada por essas plataformas, onde encontra importantes espaços da sociabilidade contemporânea e também de visibilidades. Nesse contexto, a fotografia jornalística se inscreve nas lógicas das plataformas.

Toda a transformação das redes digitais levou (e ainda deve levar por muito tempo) as empresas em geral e as jornalísticas em particular a buscarem formatos adequados às mudanças comportamentais da audiência. Com isso, e em busca de maior alcance, acabaram por escolher estar atreladas a uma presença por meio das plataformas sociais e, portanto, dependentes da sua governança algorítmica (...) (SAAD CORRÊA, 2021).

A plataformização do jornalismo também responde às incorporações das fotografias de notícias nas redes sociais digitais, como as comunidades virtuais e aplicativos de mensagens. Destacamos o decisivo papel do Instagram no armazenamento e compartilhamento de imagens no ambiente digital e como hoje esta plataforma se tornou integrada ao fazer fotojornalístico – enquanto rede social voltada às fotografias. Consideradas formas de entrada dos usuários na rede noticiosa dos veículos, as redes sociais redefinem aspectos da linguagem fotojornalística e funcionam ainda como interfaces para a navegação em outros espaços digitais.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Ao considerarmos os aspectos da circulação das fotografias jornalísticas, observamos que as redes sociais digitais interconectam, nos fluxos das notícias e reportagens, os perfis dos veículos de comunicação, dos fotógrafos e ainda as redes pessoais do público interagente. Com a eclosão da mídia digital, demarca-se a era da visualização na *web*, em que as redes sociais servem como fator multiplicador de imagens. Fotografias podem ser redirecionadas como representações duplicáveis ao infinito (AVANCINI, 2017, p. 251). Ainda em relação às redes sociais, destacamos as performances de fotojornalistas na divulgação de conteúdos sobre os bastidores das coberturas fotográficas, fotorreportagens completas, materiais extras, etc. Os profissionais podem compartilhar sistematicamente suas vivências no fotojornalismo, além de darem visibilidade a projetos fotográficos pessoais.

Dessa maneira, percebemos as mudanças nas interações com a fotografia de imprensa, considerando a instrumentalização dos sujeitos que utilizam os dispositivos móveis e atuam, enquanto agentes do fenômeno de plataformização da sociedade, em redes de compartilhamento de imagens e narrativas. As atividades dos interagentes nas redes determinam ainda novas formatações e composições do material imagem/texto, sobretudo por meio de técnicas de indexação como a geolocalização, *hashtags*, buscadores, além de referências a partir de *links* assumindo as designações de legendas. Percebemos, assim, que tradicionais associações das fotografias com os textos são reconfiguradas no jornalismo *online*, prezando pela agilidade e imediatismo nas dinâmicas da cultura participativa e da conectividade (JENKINS, 2009, 2014).

A ambiência digital evidencia ainda as práticas colaborativas – de organização das produções e financiamento – e ainda o que ficou intitulado como fotojornalismo participativo ou cidadão, processos que transformaram os vínculos dos atores sociais com a fotografia jornalística. Trata-se de aspectos relevantes da noticiabilidade e visualidade nos contornos das redes sociais digitais e das possibilidades advindas com o jornalismo móvel. Percebe-se, na formatação desse cenário convergente contemporâneo, a valorização de novos modos de exercer a coletividade por meio da produção e compartilhamento de fotografias e vídeos e o lugar de destaque que a



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

subjetividade do público adquire. Novos sentidos são dados ao testemunho, à atualidade e ao apelo emocional das imagens, o que, para o fotojornalismo tradicional, requer unir a força noticiosa à força visual, baseando-nos na referência de Sousa (2002).

A fotografia digital e a ambiência das redes permitem pontos de partida para múltiplas manipulações, apropriações de fotografias jornalísticas e ainda suas ressignificações. A comunicação é intensificada pelas trocas em redes, em articulações entre as atividades dos atores sociais, plataformas e veículos jornalísticos. Algo que podemos identificar nas montagens utilizando fotografias de imprensa, inclusão de *hashtags* vinculadas às imagens, criação de *memes* e *gifs*, além do fenômeno da viralização – maior alcance e visibilidade das fotos. Diante desse quadro de interação social, as condições de circulação da fotografia jornalística adquirem outros contornos, levando a formas de expressividade variadas por parte dos atores sociais.

Outra característica relevante do cenário pós-fotográfico é o estabelecimento do espaço da reportagem na ambiência digital, o que se tem definido pelas possibilidades de navegação por narrativas visuais mais complexas, com temas profundos. Nesses casos, observamos que a fotografia está em diálogo constante com outras linguagens, integrada a vídeos, efeitos sonoros, peças de animação, visualização de dados e *webdesign*. Há uma articulação multimídia que inclui a fotografia nas experimentações narrativas em elementos de interação e imersão⁶, como as imagens 360 graus, os *newsgames*, o uso de sensores e Internet das Coisas (IoT), a Realidade Virtual (RV), a Realidade Aumentada (RA), além das imagens produzidas por drones, câmeras de segurança e em aplicativos como o *Google Street View*. De acordo com Longhi (2017), as potencialidades imersivas foram levadas para as reportagens com a proposta de um conteúdo jornalístico que conduz o interagente a experimentar histórias em ambientes imaginados ou reproduzidos, como se estivesse dentro da cena do acontecimento.

⁶ Adotamos o conceito de imersão de Janet Murray (2003), que o apresenta sob a metáfora do estar estar submerso na água. Para a autora, a sensação de envolvimento em uma realidade completamente estranha, que se apodera de toda a nossa atenção e todo nosso sistema sensorial caracteriza a imersão. O ciberespaço potencializa a imersão através de efeitos espetaculares e recursos para a encenação de experiências em realidades virtuais.



4. As relações entre imagem fotoperiodística e mídiatização: interações e lógicas de produção

As experiências com as imagens e a sua circulação midiática adquirem relevância nos contornos teóricos sobre a pós-fotografia. Também estão presentes nas considerações dos autores estudados as mudanças epistemológicas e dos regimes de visualidade, nos quais podemos incluir a imagem fotoperiodística. Ao tratarmos das transformações em termos relacionais, nas formas significativas e nas experimentações, essas concepções nos aproximam das práticas comunicacionais dos sujeitos contemporâneos, nesse caso específico, da cultura visual nas dinâmicas das redes digitais. Logo, não estaríamos diante do fenômeno da centralidade comunicacional, das características da mídiatização da sociedade? Então buscamos as teorias da mídiatização para traçarmos possíveis caminhos para investigações que visam compreender as relações da sociedade atual com as fotografias de notícias e fotoperiodagens.

As práticas pós-fotográficas podem ser percebidas nos fluxos das redes sociais digitais em confluência com produções dos veículos jornalísticos tradicionais. Consideramos também as mudanças advindas com a entrada dos veículos nativos digitais na cena midiática, além dos chamados influenciadores, dos coletivos fotográficos, entre outros atores sociais. Assim como o contexto social, são mais complexos os sentidos que os diversos públicos passam a atribuir ao fotoperiodismo e ao seu papel comunicacional. Para Carlón (2020), os novos estatutos das imagens devem ser pensados em relação à nova mídiatização e circulação de sentido, fenômenos interligados. Em virtude das interfaces e das interações com as imagens, a distância dos processos de produção/reconhecimento diminui e adquire um ritmo dinâmico.

A circulação contemporânea possui características específicas: é intra-sistêmica (em um sistema midiático) ou intersistêmica (estabelece-se entre os dois sistemas midiáticos, o dos meios de comunicação de massa e o das redes sociais midiáticas), e em ambos os casos circulam



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

imagens com componentes modernos, pós-modernos e contemporâneos (as modernas e pós-modernas com uma fraca indiciabilidade), e seu ritmo pode ser frenético (CARLÓN, 2020, p. 239)⁷ [tradução nossa].

Mais do que a onipresença cada vez maior dos meios de comunicação, consideramos, nessa análise, a midiatização profunda como o estágio atual da sociedade, seguindo o conceito proposto por Hepp (2020). Vivenciamos as consequências da digitalização, o aumento da conectividade e uma constante geração de dados durante o uso das mídias digitais para funções comunicativas, dados estes que são fontes para análises automatizadas, “o que se tornou uma parte fundamental da construção do mundo social” (HEPP, 2020, p. 29). A midiatização profunda diz respeito ainda aos artefatos que se tornam cada vez mais dispositivos de mídia e à ampliação das atuações sobre a mídia, estas relacionadas à mobilidade e formação de novos tipos de coletividades.

É com base nesse cenário que observamos as dinâmicas do fotojornalismo atual, nas ampliadas possibilidades de acessos aos conteúdos noticiosos – sejam espontâneos ou casuais –, nas redefinições dos processos de legitimação dos elementos de interação e mediação jornalística, das estruturas narrativas, bem como nos apelos à visualidade, adquirindo contornos na vida online.

(...) ao “fazer” das mídias digitais e suas infraestruturas a base de cada vez mais processos sociais, considerando os meios digitais e suas infraestruturas como o instrumento central para “resolver” os problemas da sociedade, promove-se o processo de midiatização profunda em todas as suas dinâmicas (HEPP, 2020, p. 30).

⁷ La circulación contemporánea posee ciertas características específicas: es intra-sistémica (en un sistema mediático) o inter-sistémica (se establece entre los dos sistemas mediáticos, el de los medios masivos y el de las redes sociales mediáticas), y en ambos casos circulan imágenes con componentes modernos, posmodernos y contemporáneos (las modernas y posmodernas con una indiciabilidad débil), y su ritmo puede ser frenético (CARLÓN, 2020, p. 239).



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

São perceptíveis as interconexões de linguagens e formatos do fotojornalismo nos espaços expandidos das notícias e reportagens, sobretudo na presença dos veículos de comunicação dentro das plataformas digitais, proporcionando experiências de interação e visualidade multitelas consideradas inovadoras se comparadas ao dito jornalismo tradicional. Nesse âmbito, os processos comunicacionais privilegiam a promoção do engajamento do usuário, leituras rápidas, fácil circulação de conteúdo – intervenção e compartilhamento –, como também aberturas para a colaboração, características hoje consideradas como mecanismos para impulsionar as notícias. As plataformas se tornaram espaços de apropriações e ressignificações das imagens fotográficas, já que vão além das atividades de fruição e interpretação das imagens. Respondem, ainda, pela capacidade de proliferação e permanência de fotografias nas redes, algo relevante para a imagem de caráter jornalístico.

Dessa forma, as imagens configuram presença marcante nas experiências mediadas e interativas, entre elas estão as narrativas fotojornalísticas em circulação nas redes digitais. Por esse motivo, a pesquisa em midiatização adquire ainda maior relevância ao se preocupar com a maneira pela qual a interação social muda quando meios técnicos de comunicação se tornam parte dela, conforme a visão de Hepp e Hasebrinck (2015). As perspectivas conceituais necessitam considerar como as diferentes mídias estão envolvidas nas construções de realidades significativas pela comunicação, o que nos desafia a lidar com as investigações sobre materializações fotográficas diversas em configurações comunicativas específicas.

As lógicas midiáticas e, de forma mais específica, as lógicas das plataformas digitais e redes sociais, influenciam constantemente as atuações sobre a mídia, os padrões de interações e as relações entre os atores sociais. Conforme a concepção de Hjarvard (2014), a midiatização é caracterizada por uma dualidade, no sentido de que os meios de comunicação passaram a estar integrados às operações de outras instituições e esferas culturais ao mesmo tempo que adquiriram o status de instituições sociais. Quanto mais forte o estágio da midiatização, mais os meios de comunicação servem como uma interface necessária para o desempenho de determinada atividade social. “Os



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

meios de comunicação não constituem apenas tecnologias, mas adquirem formas sociais e estéticas que estruturam o modo como vêm a ser utilizados em vários e variados contextos” (HJARVARD, 2014, p. 40). Nesse sentido, a mídia se torna coprodutora de nossas representações mentais, de nossas ações e relacionamentos (HJARVARD, 2012).

O jornalismo é uma atividade constantemente reconfigurada pela presença da tecnologia, sendo a conectividade às redes digitais uma dimensão estruturante. Sentidos são redirecionados ao fotojornalismo na experiência noticiosa em mídia digital, e dessa forma recorremos ao que Braga (2012) considera como o componente diretamente social, a “invenção social” que dá sentido à tecnologia, sendo as práticas inventivas as que produzem os processos interacionais. Reconhecemos essas bases como importantes para as investigações sobre as mudanças na experiência social do jornalismo e na interação dos sujeitos com o fotojornalismo digital. Sobretudo para compreendermos os novos processos comunicacionais caracterizados no âmbito da pós-fotografia.

É inegável o processo de ressignificação das fotografias jornalísticas em meio às atividades dos sujeitos em rede, nos processos de circulação que são acionados em virtude da estrutura social midiatizada. Nesse sentido, destaca-se a entrada dos atores sociais na produção noticiosa provocando constantes transformações na agenda jornalística, além de definições do espaço da produção fotográfica amadora no campo que se tornou fotojornalismo cidadão. Em relação aos processos de subjetivação na experiência noticiosa, percebemos o papel das tecnologias digitais nas reconfigurações da produção e reconhecimento das imagens jornalísticas. Principalmente em como – e para onde – as propostas imersivas têm impulsionado a atividade fotojornalística, quando multimidialidade e interatividade ganham relevância nos espaços narrativos que compõem o jornalismo de longo formato da atualidade. Nesse aspecto, as experiências de fruição pelas imagens no contexto do jornalismo *online* podem se dar de maneira bastante inovadora, em processos de construção de significados da realidade social que quebram algumas interfaces tradicionais.

No entanto, as ressignificações das fotografias jornalísticas nos processos interativos podem ser observadas com olhares mais críticos, quando estão ligadas à



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

manipulação. Em grande medida, os elementos das imagens postas em circulação após as interferências desvinculam-se do que é condicionante da informação fotográfica, dos critérios de noticiabilidade. Esse é um debate presente entre os autores que analisam o pós-fotográfico, como Ritchin (2010), principalmente ao colocarem em foco as transformações de sentidos e quebras do regime imagético de verdade. Para esse teórico, há perda da credibilidade, dos princípios éticos e dos impactos sociais da fotografia jornalística quando acontece uma maior valorização do componente interativo na circulação em rede, bem como da pós-produção e das manipulações das imagens, alterando o papel relevante do fotógrafo na construção de discursos visuais.

Do ponto de vista da atividade social, Da Rosa (2019) considera a circulação como espaço de atribuição de valor, portanto, consiste exatamente na disputa pela produção de sentido que se realiza no âmbito dos dispositivos midiáticos. Tanto instituições midiáticas quanto atores sociais têm condições efetivas de agenciar a circulação, ou seja, condições de definir o que deve ser visto, transformado em agenda e pauta. A autora adota a ideia de que as imagens que circulam e, portanto, recebem valor social, são aquelas em que há um componente comportamental e uma motivação para levar adiante os fluxos. Em seu texto, apresenta um caso empírico de uma foto-registro que adquire autonomia e atualizações de sentidos durante a circulação em rede, deslocando-se do fato em si para tomar a forma do próprio fato.

Que tipo de motivação podemos identificar em um *meme* sobre a situação política do Brasil? Ora, não se destina tempo, trabalho de criação intelectual a algo que não seja, minimamente, significativo. Um *meme* jocoso certamente é mais valorizado do que uma imagem foto-registro, pois a motivação não é da técnica, mas do sentido (DA ROSA, 2019, p. 25).

5. Considerações finais

Retomando os objetivos da discussão presente no artigo, nossas indagações foram referentes às contribuições e a importância das perspectivas teóricas da



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

midiatização para a compreensão das relações dos sujeitos com as fotografias jornalísticas na ambiência digital. Consideramos os estudos sobre a fotografia e cultura visual que apontam para as apropriações e ressignificações das mensagens – desse modo, os espaços de circulação das imagens – como marcantes do cenário contemporâneo e da experiência noticiosa na atualidade.

As teorias da midiatização conferem um papel relevante nos estudos sobre o fotojornalismo digital, não somente por colocarem os processos sociais em evidência como também as preocupações metodológicas. Na revisão bibliográfica realizada, foi possível perceber a complexidade dos arranjos da imprensa na ambiência digital, enquanto instituição social, e também a ampliação e diversidade dos processos interativos com as imagens. O que indica desafios no desenvolvimento de instrumentos de pesquisa capazes de proporcionar respostas às perguntas sobre as relações renovadas com a fotografia. No caso, desafios de investigar os sujeitos interlocutores, as práticas comunicacionais de uma audiência hiperconectada, hipermidiatizada, seguindo o termo de Carlón (2020), as quais conferem hoje mudanças na experiência social do jornalismo.

Atualmente, as fronteiras das fotografias atribuídas como notícias estão menos aparentes; há uma espécie de alargamento da atividade fotojornalística tendo em vista as concepções da imagem digital. As relações midiatizadas deslocam a fotografia da instância jornalística e a circulação nas redes engloba atividades comunicacionais cada vez mais híbridas. As transformações e rompimentos com os regimes de objetividade, documento, verdade e, de certa forma, com critérios tradicionais da noticiabilidade fotojornalística, são assuntos evidentes nos estudos e conceituações da pós-fotografia. Decidimos aproximá-los das teorias que tratam dos processos de circulação de mensagens acionados por uma dinâmica social midiatizada. Verificamos, assim, indicações de mudanças nas construções simbólicas que se dão no ato de se informar nos fluxos das redes digitais e nas formas de interação estabelecidas. Retomando Da Rosa (2019), a atribuição de valor – nesse caso, valor-notícia – à fotografia jornalística pode estar cada vez mais condicionada aos espaços de interação com esse tipo de



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

imagem, indicando novos lugares ocupados pelo fotojornalismo na constituição do ambiente midiático.

Referências

AVANCINI, Atílio José. A expansão do fotojornalismo. **Revista Extraprensa**. São Paulo, v. 11, n. 1, 2017, pp. 241-255.

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (org.). **Mediação & mediação** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 29-52. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/k64dr/pdf/mattos-9788523212056-03.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2019.

BUITONI, Dulcília. **Fotografia e jornalismo**: a informação pela imagem. São Paulo: Saraiva, 2011.

CANAVILHAS, João; BACCIN, Alciane; SATUF, Ivan. Era pós-PC: a nova tessitura da narrativa jornalística na web. In: **NARRATIVA E MEDIA**: gêneros, figuras e contextos. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. p. 317-344.

CARLÓN, Mário. Entre el poder de los enunciadores y el poder de los discursos. La circulación hipermediática de las imágenes contemporáneas. In: FERREIRA, Jairo et al (org). **Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na mediação**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2020.

CARLÓN, Mário. **Circulación del sentido y construcción de colectivos en una sociedad hipermediatizada**. San Luis: Nueva Editorial Universitaria – UNSL, 2020. Libro digital, PDF.

DA ROSA, A. P. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v.42, n.2, 2019. Disponível em: <<https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3137>>. Acesso em: 13 jan. 2023.

DEUZE, M. SPEEARS, L. BLANK, P. Vida Midiática. **Revista USP**, São Paulo, n.86, p. 139-145, junho/agosto 2010.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

DUBOIS, Philippe. Pós-fotografia, pós-cinema: os desafios do pós. In: FURTADO, Beatriz; DUBOIS, Philippe (org). **Pós-fotografia, pós-cinema: novas configurações das imagens**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

FATORELLI, Antonio Pacca. Do analógico ao digital: negociações e ultrapassagens. **Ícone** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, v.15, n.2, p.13-28, 2014.

FAUSTO NETO, Antônio. Recepção, “corpo significante” em circulação. In: BRIGNOL, Liliane Dutra; BORELLI, Viviane. **Pesquisa em recepção: relatos da Segunda Jornada Gaúcha**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2015. pp. 17-24.

FONTCUBERTA, Joan. **La furia de las imágenes: notas sobre la postfotografia**. Vigo: Ed. Galaxia Gutenberg, 2016.

FONTCUBERTA, Joan. Por um manifesto pós-fotográfico. Trad. Gabriel Pereira. *Studium*, Campinas, SP, n.36, p. 118-130, 2014. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/12540>>. Acesso em: 3 jun.. 2022.

HJARVARD, Stig. Miatização: conceituando a mudança social e cultural. São Paulo: **Matrizes**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. v. 5, n. 2, jan-jun 2012, pp. 53-91.

HJARVARD, Stig. **A miatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2014.

HEPP, Andreas. Da miatização à miatização profunda. In: FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro Gilberto; BRAGA, J. L.; ROSA, A. P. (Org.). **Miatização, polarização e intolerância: entre ambientes, meios e circulações**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020, v. 1, p. 23-38.

HEPP, A., HASEBRINCK, U (2015). Interação Humana e configurações comunicativas: transformações culturais e sociedades miatizadas. **Parágrafo** – Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM, São Paulo, FIAMM-FAMM, 2(3):75-89, jul./dez.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009. 432p.

JENKINS, H. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

LONGHI, Raquel Ritter. Narrativas imersivas no ciberjornalismo. Entre interfaces e realidade virtual. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 2, pp. 224-234, dez. 2017.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no Holodeck**. São Paulo: Itáu Cultural: Unesp, 2003.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lúcia. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

RITCHIN, F. **After Photography**. New York: W. W. Norton, 2010.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.

SAAD CORRÊA, Elizabeth. Sociedade digitalizada: “plataformização” das relações e uma privacidade “zerada”, Artigo. **Jornal da USP**. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/?p=237357>>. Acesso em: 1 ago. 2022.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação úbiqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA JR., José Afonso da. Cinco hipóteses sobre o fotojornalismo em cenário de convergência. In: SOUSA FILHO, Washington José de., FONSECA, Adalton dos Anjos (orgs). **GJOL 20 anos : trajetória da pesquisa na pós-graduação**. Salvador: EDUFBA, 2020. pp. 213-229.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Porto, 1998. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-historia_fotojorn1.html>. Acesso em: 12 dez. 2022.

TOMAS, David. From the Photograph to Postphotographic Practice: Toward a Postoptical Ecology of the Eye. **SubStance**, v. 17, n. 1, 1988, pp. 59-68. Disponível em: <www.jstor.org/stable/3685214>. Acesso em 16 abr. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.